AS HISTÓRIAS INFANTIS E SUAS INTERVENÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA

MARIA DILMA BERTOLI DIAS

RESUMO
Esse artigo pretende desenvolver ideias relacionadas à contação de histórias e a sua importância para o desenvolvimento integral da criança. Uma grande vantagem de contar histórias é que ouvir histórias aprimora o vocabulário da criança. Como a criança se relaciona melhor com as palavras, elas ficam retidas em sua memória por muito tempo. Estudos comprovam que a infância é o período em que as crianças absorvem a maioria das palavras que mais tarde usarão em suas vidas. Portanto, contar histórias até mesmo para bebês deve ser uma parte importante da programação das escolas. Quando eles crescem, a narração de histórias incentiva e aprimora as habilidades de escuta das crianças. Normalmente, as crianças gostam mais de falar do que ouvir e este comportamento é evidente especialmente nas salas de aula - geralmente não são boas ouvintes. Mas quando o hábito de ouvir histórias é incutido neles, eles aprendem a se tornar melhores ouvintes. Proporciona-lhes o treinamento necessário para ouvir e entender mais, em vez de falar.

Palavras-chave: Infância; Hábito; Memória.

INTRODUÇÃO

A narração de histórias é muito interativa. Conforme a história avança e se desenvolve, as crianças fazem perguntas. Esta é uma ótima atividade de aprendizado. Os contadores de histórias devem usar maneiras de deixar a criança curiosa e incentivá-la a fazer perguntas, porque isso a faz pensar. Eles aprendem a associar as imagens do livro à história e isso desenvolve sua capacidade de visualização e imaginação. A capacidade de memória de uma criança é aumentada quando ela é solicitada a se lembrar de algo de uma história.

A contação de histórias pode encorajar o desenvolvimento de emoções e sentimentos em uma criança: o ambiente saturado de mídia de hoje é o que saúda as crianças assim que elas vêm ao mundo. Numerosos canais de TV, internet, telefones celulares - todos competem por sua atenção e as crianças costumam ficar viciadas. Essas mídias visuais aceleradas bloqueiam seu desenvolvimento mental. Já o fato de contar histórias torna as crianças mais envolvidas do que assistir TV. As emoções são reais quando uma criança está ouvindo histórias porque sua capacidade de pensamento é aprimorada. A sessão interativa estimula sua imaginação.

O contar histórias e trabalhar com elas como uma atividade em si possibilita um contato com constelações de imagens internas que revela para quem estuda ou lê a infinita variedade de imagens internas que temos dentro de nós como configurações de experiências. (MACHADO, 2004, p. 27).

A capacidade de ouvir, compreender e contar histórias tem um efeito facilitador nos processos cognitivos e no desenvolvimento pessoal. A compreensão da narrativa envolve uma atividade mental muito complexa e as crianças que se envolvem em ouvir ou ler histórias, ampliam muito suas estratégias para apreender o significado, seu conhecimento e compreensão do mundo ao seu redor e sua imaginação.

As crianças aprendem histórias como os peixes na água. Sua curiosidade natural, senso de diversão e abertura para novas ideias e cenários originais são um terreno fértil para criar, ouvir e contar histórias. Portanto, para que a magia das histórias funcione e o aprendizado orgânico delas aconteça, nós, adultos, precisamos apenas ser ouvintes ansiosos, contadores entusiasmados e viajantes dinâmicos, abandonando todas as fronteiras de tempo e espaço, prontos para decolar com nossos jovens exploradores para os limites de sua imaginação.

Embora encorajar as crianças a contar histórias forneça os benefícios óbvios de melhorar suas habilidades de linguagem expressiva, como dicção, pronúncia, modulação de voz, pausas e estresse, há benefícios mais profundos, pois, sua autoconfiança é reforçada e eles desenvolvem a valiosa habilidade de comunicação eficaz. As crianças têm

uma capacidade incrível de inventar uma história à medida que a contam. Portanto, se não lhes é dito para 'ficarem quietos' o tempo todo, sua imaginação pode tecer contos cintilantes. Uma imaginação saudável desenvolvida na infância está associada à resolução de problemas, abertura para novas ideias, pensamento inovador e assumir riscos - todos bens valiosos na vida adulta também. Ao criar e contar histórias, as crianças assumem papéis diferentes e experimentam diferentes usos da linguagem, todos os quais os ajudam na jornada de serem regulados externamente para regulados internamente na cognição.

A SALA DE AULA E A IMPORTÂNCIA DE SE CONTAR HISTÓRIAS

A sala de aula inadvertidamente torna-se um lugar onde cada criança é julgada com base em sua capacidade de realizar tarefas definidas pelos professores. Em tal cenário, a experiência de ouvir uma história é um grande equalizador. Os ouvintes podem participar plenamente, sem medo de serem julgados ou ridicularizados. As histórias aumentam sua motivação para aprender e sua receptividade para aprender.

A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecermos ao lactante leite deteriorado ou em quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreia e prejuízo à saúde. Feijão é excelente fonte de ferro, mas nem por isso iremos dar feijão a um bebê, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial. (COELHO, 1998, p. 14).

Uma comunicação eficaz envolve não apenas a fala, mas também uma boa capacidade de escuta. Existem vários processos mentais simultaneamente trabalhando enquanto ouve. Quando uma criança cresce ouvindo histórias, o amor pela linguagem e a riqueza de seu uso se desenvolvem naturalmente, melhorando a compreensão, vocabulário, gramática, pronúncia, sequenciamento e habilidades associadas. No silêncio que cai enquanto uma criança ouve uma história sendo contada, ela está intensamente focada em formar imagens mentais e armar seu próprio aprendizado, conectando os pontos de conhecimento prévio, experiência e seu próprio raciocínio. Habilidades sociais, persistência, engajamento, como falar alternadamente, como ouvir os outros com eficácia, como ler nas entrelinhas, são todas habilidades que são aprimoradas ouvindo histórias regularmente.

Ao se envolver com os personagens das histórias e da narrativa, as crianças são capazes de apreciar pontos de vista diferentes dos seus e desenvolver sensibilidades mais refinadas. Eles começam a apreciar a bondade, o humor, a bravura e a beleza dos personagens das histórias antes de realmente experimentar e conhecer essas qualidades. Um senso de estética também começa a se desenvolver. À medida que nos tornamos uma sociedade mais intolerante e dividida, há uma necessidade urgente de inculcar esses valores nas crianças, e eles não podem ser ensinados como parte do currículo explícito. Contar histórias é uma maneira tradicional de fazer isso naturalmente.

Ninguém tem que ser obrigado a ler nada. Ler é um direito de cada cidadão, não é um dever. É alimento de espírito. Igualzinho a comida. Todo mundo deve ter a sua disposição e boa qualidade, variada, em quantidades que saciem a fome. Mas é um absurdo impingir um prato cheio de comida pela goela abaixo de qualquer pessoa. Mesmo que se ache que o enche aquele prato é a iguaria mais deliciosa do mundo. (MACHADO, 2002, p. 15).

As histórias criam magia e um sentimento de admiração pelo mundo. As histórias nos ensinam sobre a vida, sobre nós mesmos e sobre os outros. Contar histórias é uma maneira única de os alunos desenvolverem uma compreensão, respeito e apreciação por outras culturas e pode promover uma atitude positiva para pessoas de diferentes terras, raças e religiões.

Por meio de histórias, vemos como pessoas muito diferentes compartilham as mesmas

experiências de vida e como a natureza humana pode transcender a cultura.
A narração de histórias traz o aprendizado do idioma à vida e cria uma experiência participativa e imersiva que permite que os jovens aprendizes gostem de ouvir o idioma de uma forma dinâmica, às vezes estilística e divertida. A participação usando vocabulário e frases chave pode criar uma consciência de ritmo e estrutura. Esta atmosfera de jogo e expressão criativa cria um apetite por experiências mais semelhantes. Os alunos que gostaram de contar histórias em sala de aula muitas vezes pedem mais histórias e também se sentem motivados e encorajados a criar e contar, representar ou ilustrar suas próprias histórias de várias maneiras.
O ato de contar histórias apela a diferentes preferências de aprendizagem e personalidades, garantindo que, do mais tímido ao mais ativo dos alunos, todos tenham a chance de participar de uma forma que possam desfrutar. Isso vai desde ouvir em silêncio até participar como ator.

... o texto literário extrai dos processos histórico-político-sociais uma visão da existência humana que transcende o tempo de sua concepção e instiga o leitor sob forma de perguntas que o levam a analisar seu próprio tempo. Como resultado da interação receptiva e criadora do autor diante das práxis literária e diante do mundo, o texto exige, pois, para instituir-se, a recuperação ativa e criadora do leitor, ela transmite dos princípios constitutivos próprios do texto para o contexto extraliterário; do mundo da significação textual, para o sentido do mundo. (SARAIVA, 2001, p. 27)

A narração de histórias também ajuda os alunos a aproveitar e estar atentos à entonação e tom de voz, expressões e frases que soam naturais, bem como a interação entre falantes nativos.
Um dos primeiros caminhos para transmitir conhecimento às crianças e estimular a imaginação delas é a contação de histórias. Essa é uma prática interessante de ser usada nas escolas, principalmente na educação infantil, já que incentiva a criatividade e possibilita diversas formas de expressão e de interação entre os pequenos. Em sala de aula, é possível mudar o espaço, contar histórias em círculos e criar um ambiente agradável para os alunos ficarem confortáveis e atentos ao que é dito.
Contar histórias para as crianças também auxilia no desenvolvimento da escrita, da oralidade e da percepção de símbolos.
Contar histórias é uma prática antiga na sociedade. A oralidade é um mecanismo usado há muito tempo para propagar a cultura, expressando sentimentos, conhecimentos e experiências - o que mantém tradições e costumes. Um fator que interfere nisso é a maneira como são contadas, que muda o impacto nas pessoas que as escutam. Por isso, deve-se atentar-se à entonação da voz e ao vocabulário usado para que as crianças não tenham dificuldade em compreender as histórias.
As crianças podem associar as histórias que leem ou escutam com situações que elas vivem, o que ajuda no desenvolvimento de formas de lidar com dificuldades, sentimentos e emoções. Além disso, é um estímulo à memória, já que relembram experiências que viveram ou que escutaram seus parentes contarem, por exemplo. Com essa prática, as crianças encontram, no momento de leitura, um caminho para criar relações entre memórias e afetos.

A literatura desempenha um papel crítico em nossas vidas. A literatura ajuda a nos compreender os demais; proporciona diferentes perspectivas para examinar nossos pensamentos, sentimentos, crenças, preconceitos e ações; ensina que há múltiplas possibilidades, muitas verdades e nenhuma resolução definitiva. (ALLIENDE, 2005, p. 182)

Para todas as idades, a leitura enriquece o conhecimento; mas principalmente durante a educação infantil, uma fase de muitos aprendizados, desenvolvimento de habilidades, ampliação de vocabulário e estímulos da imaginação. Quando uma história é contada, a mente começa a imaginar o enredo dela, assim como acontece com a leitura. Então, desde cedo é importante adotar essa prática para que as crianças aprendam a ter gosto pela leitura, que incentiva e desenvolve a curiosidade.
Ao escutar as histórias, as crianças podem

se expressar, mostrar os seus sentimentos e ter diferentes reações, que podem representar a visão de mundo delas. Além disso, será um momento para compartilhar vivências e opiniões. Os contadores da história, geralmente os professores, podem incentivar a participação dos alunos com a prática da leitura interpretativa.
Para dar mais liberdade à participação e facilitar a interpretação dos alunos, use recursos cenográficos, com visual e som atrativos, por exemplo.
Além disso, o tema da história pode dar espaço para debater outros assuntos da vida escolar, como bullying. A interação com assuntos que têm relação com a convivência humana também pode ser um momento de conscientização.
Desde cedo, a contação de histórias permite o contato com vários tipos de linguagens, o que faz as crianças perceberem as várias formas de contar e de entender uma história. As experiências pessoais ajudam na percepção e na valorização das situações contadas, além de estimular a imaginação, já que elas também pensarão na aparência dos personagens e nos cenários. Com essa ação, a interpretação textual dos alunos também é desenvolvida.

A IMPORTÂNCIA DE DESCOBRIR A LEITURA DESDE A INFÂNCIA

Os livros são a base do desenvolvimento cognitivo e emocional dos menores. Embarcar na leitura desde a infância não só proporciona deleite e prazer, mas também traz um magnífico patrimônio cultural, científico e literário. É um meio de transporte muito eficaz, que nos aproxima de mundos novos e interessantes.
A leitura é um maravilhoso processo interativo no qual uma importante relação é estabelecida entre o texto e o leitor que contribui para o desenvolvimento das áreas cognitivas do cérebro e do desenvolvimento emocional.

No caminho percorrido, à procura de uma literatura adequada para a infância e juventude, observaram-se duas tendências próximas daquelas que já informavam a leitura dos pequenos: dos clássicos, fizeram-se adaptações; do folclore, houve a apropriação dos contos de fadas – até então quase nunca voltados especificamente para a criança. (CUNHA, 1999, p. 23)

A importância de adquirir este hábito desde cedo se baseia nos benefícios ao estudar, adquirir conhecimentos e na possibilidade de a criança vivenciar sensações e sentimentos com os quais desfruta, amadurece e aprende, ri e sonha.
O problema é que hoje a digitalização teve uma influência negativa sobre a leitura em muitas ocasiões, não apenas para as crianças. Muitas vezes, é comum ver crianças se divertindo com tablets ou smartphones desde muito novas, antes mesmo de aprenderem a ler ou escrever. Independentemente da conveniência ou não desse hábito, é importante aproveitar essa fase em que estão ansiosos por informações para despertar aquela curiosidade inata pela leitura de um livro . Por exemplo, lendo para eles.

Corremos aceleradamente contra o tempo e, apesar de estarmos desfrutando de tantos meios de comunicação – com inúmeras informações circulando rapidamente por intermédio da TV, do rádio, da internet, entre outros -, parece que, infelizmente, não mais nos comunicamos. Deixamos de ouvir o outro, de nos emocionar com suas histórias, de compartilhar experiências e ideias. Perdemos a nossa voz, a palavra pulsante, corpórea e significativa que brotava vida do interior. Com a criança não é diferente. Ela “recebe” informações de diversas fontes e o tempo todo encontra-se imersa nessa teia complexa de relações e, muitas vezes, é impossibilitada de ouvir, expressar-se ou contar sobre suas experiências cotidianas e de viver suas histórias. Estamos também deixando de olhá-la, de ouvir seu apelo, sua voz e, até mesmo, de narrar-lhe nossas histórias. A palavra oral, tão fundamental para o seu desenvolvimento e construção do ser psicológico social e cultural, é infelizmente pouco explorada nas famílias, nas escolas e nos vários lugares que ele frequenta. (NICOLAU E DIAS, 2003, p. 96).

Em todas as idades, a leitura é um veículo de comunicação que implica uma série de vantagens no desenvolvimento do menor,

antes mesmo de aprender a falar, a leitura pode ser apresentada por meio de desenhos e ilustrações.
Ler ajuda a expandir a capacidade de atenção das crianças e melhorar sua capacidade de pensar com clareza, uma vez que as histórias e sua estrutura de "começo, meio e fim" ajudam seus cérebros a pensar em ordem e vincular causas, efeitos e significados. Ademais, apreciar um livro desde tenra idade favorece o aprendizado de palavras - complexas e não complexas - mais rapidamente, melhora sua compreensão, ortografia, expressão, escrita, exercita o cérebro e estimula sobremaneira sua criatividade e imaginação. Isso permite que leiam em voz alta com maior confiança e tenham um bom desempenho na escola.
Da mesma forma, se uma criança entra nas aventuras que um livro proporciona, sem dúvida aumenta os níveis de atenção, memória e concentração, adquirindo a capacidade de ouvir e compreender de forma mais eficaz o que é contado.
Portanto, fica evidente que a leitura permite dar asas à imaginação, transportar a criança para novos mundos, subindo evolutivamente na capacidade criativa, tornando-a, ao mesmo tempo, mais consciente das próprias emoções e melhorando a empatia para com os outros.

Aprender a ler e utilizar-se da literatura como veículo de informação e lazer promove a formação de um indivíduo mais capaz de argumentar, de interagir com o mundo que o rodeia e torna-se agente de modificações na sociedade em que vive.
(GREGORIN FILHO, 2009, p. 51)

Quando as crianças leem bem, aumentam a sua aprendizagem ativa e surge um potencial bastante grande no futuro do seu desenvolvimento, promovendo assim a sua autonomia e o seu envolvimento no seu próprio processo de aprendizagem.
A leitura estimula o interesse por diferentes áreas, como natureza, história ou arte, ajudando-os a descobrir sua vocação desde cedo.

AS HISTÓRIAS INFANTIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A ALFABETIZAÇÃO

oda literatura e alfabetização nascem da necessidade humana de contar histórias, de contar histórias sobre si mesmo ou sobre os outros, de contar histórias sobre o mundo para entender melhor nossa existência, os outros e o universo em que vivemos. Todas as histórias, os mitos, as fábulas e os romances, incluindo os dirigidos às crianças são, de fato, o resultado deste desejo e desta necessidade básica: ajudam-nos a viver, a sobreviver; eles ajudam as crianças a crescer e se desenvolver.
A produção de livros infantis sempre foi incrivelmente diversificada; seus múltiplos títulos se dirigem aos jovens leitores de maneiras muito diferentes: há livros que fornecem informações e transferem conhecimento sobre o mundo que nos rodeia; outras apresentam uma imagem do dia a dia da criança, ou imagem de seus sentimentos e conflitos, propondo como resolvê-los. Existem livros que falam do Outro, de outras culturas, de outros costumes, ou existem livros sobre diversos patrimônios culturais ... Cada um desses livros carrega uma mensagem e uma perspectiva específica. Nós, os adultos, estamos bem cientes disso, mas as crianças não conhecem realmente essas diferenças. É por isso que acho muito importante que as crianças se familiarizem o mais cedo possível com os diferentes gêneros literários, para que aprendam a usálos como quiserem.
Para que uma criança possa acessar os enormes recursos literários, ela deve, é claro, aprender a ler, e isso no sentido mais amplo da palavra. Porque a leitura, do ponto de vista global, é uma atividade muito complexa que não se limita a descodificar um texto, mas implica também a capacidade da criança de compreender o que leu, de integrá-lo no seu próprio contexto e experiências pessoais através da análise de forma crítica, para que ele possa se posicionar sobre o que leu. Somente este tipo de educação de leitura completa e profunda levará as crianças a uma alfabetização real e integrada.

A experiência da compreensão é a capacidade de associar, jamais dicotomizar. E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejamos nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na experiência escolar aos que

resultam do mundo da cotidianidade. Um exercício crítico sempre exigido pela leitura e necessariamente pela escuta é o de como nos darmos facilmente à passagem da experiência sensorial que caracteriza a cotidianidade a generalização que se opera na linguagem e desta ao concreto tangível. Uma das formas de realizarmos este exercício consistente na prática a que me venho referindo como "leitura da leitura anterior do mundo", entendendo-se aqui como "leitura do mundo" a "leitura" que precede a leitura da palavra e que perseguindo igualmente a compreensão do objeto se faz no domínio da cotidianidade. A leitura da palavra, fazendo-se também em busca da compreensão do texto e, portanto, dos objetos nele referidos, nos remete agora a leitura anterior do mundo. O que me parece fundamental deixar claro é que a leitura do mundo que é feita a partir da experiência sensorial não basta. Mas, por outro lado, não pode ser desprezada como inferior pela leitura feita a partir do mundo abstrato dos conceitos que vão da generalização ao tangível. (FREIRE, 1993, p. 30).

A criança "lê" o rosto da mãe desde o nascimento, ou o rosto do pai ou de qualquer outra pessoa próxima: a criança aprende a olhar as feições e expressões faciais das pessoas ao seu redor e a reagir de maneira adequada

Então a criança começa a "ler" os objetos que encontra ao seu redor. Ele os observa, reconhece e identifica, preparando-se para o próximo grande passo: ler e identificar objetos reais dentro do livro, ou seja, identificar objetos que não são mais aquelas representações iconográficas da realidade na página de um livro.

Durante os primeiros meses de vida, o bebê escuta a voz da mãe, a voz do pai ou de quem cuida dele. A partir dessas vozes, o bebê começa a construir sua própria voz e sua linguagem pessoal. Ao mesmo tempo, ele aprende a identificar as vozes de quem o rodeia. E enquanto cantam uma música ou contam uma história, a criança descobre a voz poética das pessoas ao seu redor, a voz melodiosa e cantante que é tão diferente da voz do dia-a-dia que dá ordens e informações necessárias para o dia-a-dia. Essa voz poética não só é mais bela, mas também conta pequenas histórias, canta canções e rimas que introduzem a criança no universo da literatura e prepara sua sensibilidade para essas formas artísticas, as mais simples, as mais arcaicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando a criança e o adulto olham juntos para um livro ilustrado, seus cumprimentos convergem automaticamente para o mesmo fim, o livro e sua história. É uma consideração conjunta que cria, pela primeira vez, o espaço triangular entre a criança, o adulto e o livro, e está na origem de toda transmissão cultural5: o adulto leva a criança para uma criação cultural, que é o livro ilustrado, importante precursor de todos os outros suportes culturais.

Ao mesmo tempo, esse pequeno cenário - leitura compartilhada de um livro ilustrado - marca outro momento crucial na biografia da leitura infantil.

Toda criança adora apontar com o dedo os elementos pictóricos, os objetos das figuras do livro que ela está olhando e explicando orgulhosamente ao adulto. Esta ação - mesmo que pareça tão modesta - não é apenas notável do ponto de vista das habilidades de leitura (veja acima), mas também e mais importante do ponto de vista do desenvolvimento psicológico da criança. Porque ao mostrar algo a alguém, a criança demonstra ao adulto sua percepção e sua impressão subjetiva do que está vendo. É uma ação espontânea que sempre pressupõe que a criança já tem uma ideia da existência do Outro com quem está manifestando o desejo de se comunicar ativamente.

Em tal situação de interação emergente, é muito importante que o adulto veja e leve em consideração o que a criança está lhe mostrando. E que ele reage a esse impulso formidável com entusiasmo em relação ao que a criança está lhe mostrando. Isso exige uma presença atenta, uma grande sensibilidade e uma disponibilidade considerável do adulto. Mas vale a pena. Porque se o adulto não reagir ao que a criança lhe mostra, a criança perderá o impulso de mostrar e, mais ainda, a sua confiança no Outro e na sua capacidade de comunicar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLIENDE, Felipe. A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento. Felipe Alliende e Mabel Condemarín; trad. Ernani Rosa. 8. Edição. Porto Alegre: Artmed, 2005.
COELHO, Bethy. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1996.
FREIRE, Paulo. A Educação na Cidade. São Paulo: Cortez; 1993.
GREGORIN FILHO. José Nicolau. Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009. MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
MACHADO, Ana Maria. Textura: sobre leitura e escritos. RJ. Nova Fronteira, 2002.
NICOLAU, Marieta Lúcia Machado Nicolau e DIAS, Marina Célia Moraes (2003). Oficinas de sonho e realidade na formação do educador de infância. Campinas: Papirus.
SARAIVA. Juracy Assmann. Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano de ação. Porto Alegre: Artmed, 2001.